

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS  
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)**

**Rafael Fernandes Dias**

**EVOLUÇÃO SOCIAL NA ERA DO BRASIL COLÔNIA: DA ERA DO  
DESCOBRIMENTO ATÉ A VINDA DA CORTE PORTUGUESA**

**Resende  
2018**

**Rafael Fernandes Dias**

**EVOLUÇÃO SOCIAL NA ERA DO BRASIL COLÔNIA: DA ERA DO  
DESCOBRIMENTO ATÉ A VINDA DA CORTE PORTUGUESA**

**Resende  
2018**

**Rafael Fernandes Dias**

**EVOLUÇÃO SOCIAL NA ERA DO BRASIL COLÔNIA: DA ERA DO  
DESCOBRIMENTO ATÉ A VINDA DA CORTE PORTUGUESA**

**COMISSÃO AVALIADORA**

---

**TEN CEL R1 JOSÉ OCTÁVIO TÁVORA FILHO**

---

**AVALIADOR 1**

---

**AVALIADOR 2**

**Resende  
2018**

Agradeço a Deus por ter me guiado até o presente momento, sei que muitas das minhas realizações são as vontades Dele, e reconheço que sem Ele nada disso estaria se tornando real. Dedico também a minha família que me apoiou do início ao fim da minha formação me encorajando nos momentos mais difíceis e colhendo os louros junto comigo nos momentos de glória.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado força em cada momento dessa longa caminhada.

Agradeço a meus pais que estiveram comigo em todos esses momentos a cada partida e a cada chegada me apoiando e me incentivando.

Agradeço a minha tia que me apoiou durante toda a formação seja no aspecto financeiro seja no aspecto moral.

Agradeço a todos os meus amigos pela motivação e incentivo.

Agradeço ao meu orientador que me direcionou na confecção desse trabalho.

## RESUMO

DIAS, Rafael Fernandes. **Evolução social na era do Brasil colônia: da era do descobrimento até a vinda da corte portuguesa:** um estudo sobre as características que influenciaram a formação da sociedade brasileira. Resende: AMAN,2018. Monografia.

Um assunto conhecido e muito estudado pelo historiadores brasileiros, mas de certa maneira pouco conhecido e utilizado como comparação para entender determinadas atitudes da sociedade. A sociedade brasileira sofreu diversas influencias que foram trazidas pelos colonos europeus, na época do descobrimento. Nesse estudo daremos foco nas características que foram trazidas para o Brasil e aquelas que se mantiveram até os dias de hoje que servem para entender de maneira geral o comportamento da sociedade brasileira atual.

Palavras chave: Características, sociedade, Brasil, evolução.

## ABSTRACT

DIAS, Rafael Fernandes. **Social evolution in the era of colony Brazil: from the era of discovery until the coming of the Portuguese court**: a study on the characteristics that influenced the formation of the Brazilian society. Resende: AMAN, 2018. Monography.

A subject well known and studied by Brazilian historians, but in some ways little known and used as a comparison to understand certain attitudes of society. The Brazilian society suffered several influences that were brought by the European settlers, at the time of the discovery. In this study we will focus on the characteristics that were brought to Brazil and those that have remained until the present day that serve to understand in a general way the behavior of the current Brazilian society.

Keywords: Characteristics, society, Brazil, evolution.

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO</b> .....	<b>10</b>
<b>2.1 Conceitos iniciais</b> .....	<b>11</b>
<b>2.1.1 Problemática</b> .....	<b>11</b>
<b>2.1.2 Objetivo</b> .....	<b>11</b>
<b>2.1.2.1 Objetivo Geral</b> .....	<b>11</b>
<b>2.1.2.2 Objetivos Específicos</b> .....	<b>11</b>
<b>2.1.3 Delimitação do tema</b> .....	<b>11</b>
<b>2.2 Revisão da Literatura</b> .....	<b>12</b>
<b>2.2.1 Expansão Marítima</b> .....	<b>12</b>
<b>2.2.2 Educação</b> .....	<b>13</b>
<b>2.2.3 Religião</b> .....	<b>15</b>
<b>2.2.4 Povo Ibérico</b> .....	<b>16</b>
<b>2.2.5 Patriarcalismo</b> .....	<b>17</b>
<b>2.2.6 Economia</b> .....	<b>20</b>
<b>2.2.6.1 Pau Brasil</b> .....	<b>20</b>
<b>2.2.6.2 Cana de Açúcar</b> .....	<b>21</b>
<b>2.2.6.3 Ciclo do Ouro</b> .....	<b>24</b>
<b>2.2.7 O Índio</b> .....	<b>25</b>
<b>3 CONCLUSÃO</b> .....	<b>28</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente o tema Evolução Social na era do Brasil colônia possui diferentes interpretações e diversos campos para se analisar. O presente trabalho tem por objetivo analisar as características que influenciaram a formação do Brasil e quais delas continuam sendo mantidas para que possamos entender a sociedade brasileira.

O escopo desse trabalho ficará restrito a época conhecida como a do descobrimento do Brasil, particularmente do ano de 1500 até a vinda da corte portuguesa para o Brasil 1808, com relação a outros fatores que contribuíram para a formação da sociedade brasileira bem como aquelas que se desenvolveram aqui.

O que fica claro é que muitas formas de agir e de pensar da sociedade brasileira atual é fruto da colonização que ocorreu no Brasil, porém se trata de uma temática relativamente nova que não se apresenta totalmente esgotada e que ajudará, nós militares, a ter um maior esclarecimento sobre esses aspectos que influenciam não só a sociedade como também o nosso Exército.

O objetivo geral do estudo consiste em apresentar as influências das características da sociedade europeia para a evolução da sociedade brasileira, como também as que se desenvolveram aqui a partir das vindas da Europa e de que maneira isso contribuiu para formação da sociedade da época que gerou uma herança histórica para os anos atuais.

“Híbrida desde o início, a sociedade brasileira é de todas da América a que se constituiu mais harmoniosamente quanto às relações de raça: dentro de um ambiente de quase reciprocidade cultural que resultou no máximo de aproveitamento dos valores e experiências dos povos atrasados pelo adiantado; no máximo de contemporização da cultura adventícia com a nativa, a do conquistador com a do conquistado. Organizou-se uma sociedade cristã na superestrutura, com a mulher indígena, recém-batizada, por esposa e mãe de família; e servindo-se em sua economia e vida doméstica de muitas das tradições, experiências e utensílios da gente autóctone.” (FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 49ª Ed. São Paulo: Global 2004. p. 160)

Serão utilizadas pesquisas de grandes historiadores e sociólogos brasileiros, trabalhos e artigos científicos relacionados ao temas, bem com livros de grandes escritores/historiadores que fomentaram a população da época quanto a questão da sociedade e sua influências, apresentando seus pontos de vista.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Neste tópico será apresentada a construção da pesquisa no seu aspecto metodológico e de fundamentação teórica. A proposta da pesquisa consiste na análise das características que foram trazidas para o Brasil no período colonial, pelos colonizadores bem como aqueles que contribuíram para a formação da sociedade brasileira para que então só assim possamos entender determinadas atitudes de nossa sociedade.

Nessa área de investigação, existem diversos estudos, porém a história se modifica e ganha diversas outras versões com o passar do tempo e com isso é incapaz de nós determinarmos quais características são de determinados povos apenas pelas histórias que vêm sendo passadas através das gerações das pessoas sem que ao menos revise artigos, livros e outras maneiras de se obter relatos de escritores e também de outras pessoas da época do Brasil colônia.

Estudos mostram que no princípio Portugal teve o maior predomínio em terras brasileiras pelo fato de ter grande conhecimento nas navegações, fato que contribuiu para que conseguisse ocupar uma terra mais nativa e com grande potencial para gerar lucro não só para si como também para os futuros colonizadores. Com isso já surgiram algumas preocupações como diz o autor Fafe (1965):

Preocupado com a possibilidade real de invasão do Brasil por outras nações (holandeses, ingleses e franceses), o rei de Portugal Dom João III, que ficou conhecido como “o Colonizador”, resolveu enviar ao Brasil, em 1530, a primeira expedição com o objetivo de colonizar o litoral brasileiro. Povoando, protegendo e desenvolvendo a colônia, seria mais difícil de perdê-la para outros países. Assim, chegou ao Brasil a expedição chefiada por Martim Afonso de Souza com as funções de estabelecer núcleos de povoamento no litoral, explorar metais preciosos e proteger o território de invasores. Teve início assim a efetiva colonização do Brasil. Nomeado capitão-mor pelo rei, cabia também à Martim Afonso de Souza nomear funcionários e distribuir sesmarias (lotes de terras) à portugueses que quisessem participar deste novo empreendimento português.

Neste sentido, faremos a definição dos parâmetros e dos passos que serão apresentados no presente estudo da seguinte maneira: revisão da literatura para melhor aprofundamento do tema; definição de algumas características que serão estudadas

durante a pesquisa; análise dos objetivos da pesquisa; apresentação dessas características; análise da pesquisa semiestruturada. Ao estabelecer as bases práticas para a pesquisa, pretendemos assegurar a sua execução respeitando o cronograma proposto, além de permitir a verificação das etapas estabelecidas.

## **2.1 CONCEITOS INICIAIS**

### **2.1.1 Problemática**

Muito se conhece sobre a sociedade brasileira na era do Brasil colônia, e que também muitos países da Europa influenciaram de maneira significativa nas terras do que num futuro de tornaria o Brasil conhecido atualmente. Dessa forma podemos formular o seguinte questionamento: Quais foram as características trazidas da Europa que influenciaram a população brasileira do período colonial e que contribuíram para seu desenvolvimento?

### **2.1.2 Objetivos**

Os objetivos do trabalho serão apresentados da seguinte maneira:

#### **2.1.2.1 Objetivos Gerais**

O objetivo geral deste TCC será apresentar as influências das características da sociedade europeia para a evolução da sociedade brasileira.

#### **2.1.2.2 Objetivo Especifico**

Os objetivos específicos serão: identificar as culturas que aqui foram encontradas pelos povos vindos da Europa na era do descobrimento, identificar a formação da sociedade brasileira com as características dos colonizadores portugueses e também a contribuição de outras sociedades que influenciaram na nossa cultura.

### **2.1.3 Delimitação do Tema**

Abordaremos nesse assunto a evolução social do Brasil colonial, abordando fatos que foram importantes para a caracterização e posteriormente da evolução, no período compreendido entre os anos de 1500 a 1808 com a chegada da família real portuguesa.

## **2.2 Revisão da Literatura**

### **2.2.1 Expansão Marítima**

No período do séc. XIV o comércio europeu era baseado nos produtos vindo da Ásia (China, Pérsia, Japão e Índia) e das nações mercantilistas europeias. Pela via terrestre esse comércio era monopolizado pelos comerciantes italianos que controlavam os produtos vindos do oriente, outra parte dessa mercadoria era intermediada pelos muçulmanos que introduziam as especiarias por meio do Mar Mediterrâneo. A burguesia portuguesa e dos países que não detinham do controle do fluxo de produtos ficaram insatisfeitos com as altas taxas “alfandegárias” e almejando obter maiores lucros analisaram a situação e decidiram explorar novas formas de trazer as mercadorias da Ásia sem que houvesse intermédio dos outros países, foi então que foram reunidos vários navegadores, cartógrafos, cosmógrafos e homens do mar para que fosse possível consolidar novas rotas marítimas que fizessem contato com os comerciantes do oriente. O grande marco da história foi no ano de 1497 que foi estabelecido a rota para o mercado das Índias, quando Vasco da Gama contornou o atual Cabo da Boa Esperança que era um dos limites das navegações da época. No ano de 1500 Pedro Álvares Cabral descobriu as terras brasileiras, assim Portugal de certa maneira era detentor do conhecimento e rotas marítimas da época.

A respeito das rotas comerciais da Europa naquela época afirma Sousa:

A conquista de rotas comerciais com o Oriente, tido até então como principal área de fluxo comercial das nações europeias, fez com que a descoberta das terras brasileiras não fosse de muito interesse para a Coroa. Nos primeiros trinta anos de colonização, as únicas atividades se limitavam a realizar a extração do pau-brasil nas regiões litorâneas do país. Tal empreendimento contava com a colaboração dos índios, que em troca de alguns produtos e utensílios, realizavam a derrubada e o armazenamento da madeira. (SOUSA, 2012)

Após as descobertas de Portugal sobre novas terras, a Espanha lançou-se na busca por seu espaço no cenário marítimo europeu. Cristóvão Colombo realizou algumas excursões na tentativa de chegar ao oriente por meio do ocidente, fazendo assim quatro investidas nas terras hoje conhecidas como América Central. Na primeira navegação ele chegou nas Antilhas, e nas outras três ele de fato navegou ao redor da costa da América Central a fim de encontrar alguma passagem para o continente asiático, porém foi infeliz e faleceu antes mesmo de obter sucesso em sua procura. A partir disso Portugal e Espanha entraram em disputa para ver qual nação seria detentora das novas terras descobertas, sendo assim foi instaurado o Tratado de Tordesilhas que dividiu o globo em duas partes a partir de uma linha imaginária que foi estabelecida a 370 léguas das ilhas de Cabo Verde, ficando estipulado que a Espanha ficaria com as terras do lado Oeste dessa linha e Portugal com as terras a Leste.

### **2.2.2 Educação**

Durante o período colonial, o Brasil sofreu forte influência dos países que aqui se instalaram para colonizar novas terras, principalmente os vindos da Europa e dentre esses, os Portugueses foram os que mais contribuíram para a formação das características do povo brasileiro. Começando pela língua portuguesa que é a língua oficial do Brasil. A educação na colônia começou a ser passada por filhos de colonos e índios aldeados até meados do séc XVIII que começou a ser passado pelos jesuítas. Os métodos jesuíticos eram centrados em dois princípios Trivium e Quadrivium

Etimologicamente, Trivium significa "o cruzamento e articulação de três ramos ou caminhos". Esse grupo de disciplinas inclui a lógica (ou dialética), a gramática e a retórica. As artes do Trivium teriam como objetivo desenvolver a expressão da linguagem.

O quadrivium, etimologicamente é o cruzamento de quatro ramos ou caminhos. Está voltado para o estudo da matéria, por meio do domínio das seguintes disciplinas: aritmética (a teoria dos números); em música (a aplicação da teoria do número), em geometria (a teoria do espaço) e em astronomia (a aplicação da teoria do espaço). De acordo com a definição de Irmã Miriam Joseph, a matéria teria como característica

essencial o número e a extensão, temas analisados respectivamente pela aritmética e pela música, bem como pela geometria e astronomia.

Porém no Brasil foram repassados ensinamentos relativos somente ao Trivium e esse se dividiam em duas frentes de acordo com o público, de um lado as escolas e colégios serviam para atender os órfãos portugueses e filhos da elite colonial. Esses, depois de concluírem a formação oferecida no Brasil, eram encaminhados a metrópole para concluir seus estudos. De outro lado, estavam as reduções, que serviam para proteger os índios dos bandeirantes, que queriam escravizá-los, educá-los e catequizá-los, com isso foi dada uma grande importância a esse tipo de ensino já que os bandeirantes ameaçavam a hegemonia da forma de pensar dos jesuítas, principalmente porque a igreja católica era o que alicerçava os ensinamentos por meio dos jesuítas.

A educação que foi desenvolvida no Brasil durante os três séculos de colonização era restrita, inicialmente, a alguns filhos de colonos e a índios aldeados. Até meados do século XVIII, as bases do que se ensinava na Colônia consistiam nos métodos da educação jesuítica. Os missionários da Ordem fundada por Inácio de Loyola que atuavam na conversão dos povos nativos da América eram herdeiros da escolástica tardia, que predominava na região da Península Ibérica no início da Idade Moderna e acabou sendo refletida na cultura dos colonos brasileiros. (CLAUDIO,2006)

Com relação a educação no Brasil Colonial, Ribeiro (1998, p.26) afirmou:

A preocupação da escolaridade e da formação de sacerdotes para a catequese, desencadeou o surgimento do primeiro plano educacional (por Manuel de Nóbrega), que tinha como intuito o recolhimento, nos quais se educassem os mamelucos, os órfãos e os filhos dos principais caciques, além dos filhos dos colonos, em regime de externato. Aprendiam português, doutrina cristã, ler e escrever, canto orfeônico, música instrumental e tinha ainda uma bifurcação tendo em um dos lados o aprendizado profissional e agrícola e, do outro, aula de gramática e viagem de estudos à Europa. Os índios não se adaptaram ao catolicismo, então foram capacitados no ensino profissional e agrícola, para exercerem funções essenciais à vida da colônia.

“Nóbrega visava uma extensa cadeia de colégios nas povoações litorâneas, cujos elos seriam o colégio da Bahia ao norte e do de São Vicente ao sul.” (Matto,1958 apud Saviani, 2010, p.43)

Esses colégios alimentariam os outros que seriam implantados. Eles tinham também um projeto de educação feminina, mas não foi aprovado pela metrópole. Nóbrega desenvolveu uma prática pedagógica com base em ideias, materiais e em uma ação efetiva no processo de ensino-aprendizagem. Utilizou da estratégia de trazer crianças portuguesas para o Brasil com a intenção de atrair os olhares dos indígenas para a conversão da fé católica.

### **2.2.3 Religião**

A religião Católica foi trazida pelos portugueses, mas é válido comentar a situação que a Igreja Católica estava passando nesse período na Europa. Com novas confissões católicas surgindo, a hegemonia do catolicismo estava ficando ameaçada, então foi visto que com a expansão do catolicismo por outras terras a Igreja Católica conseguiria mais devotos, arrecadaria mais lucros, além de refugiar os católicos que poderiam ser ameaçados por outras culturas e dessa maneira eles poderiam reafirmar a fé que tinham. Em um primeiro momento os missionários que chegavam no Brasil estavam mais preocupados em converter os indígenas do que dar uma assistência aos colonos que já praticavam a religião no país de origem. A partir do séc. XVIII surgiu uma necessidade de realizar uma assistência no mais amplo sentido da palavra, que levou a criação de irmandades ou confrarias religiosas. Foram estas as responsáveis pelo grande crescimento no número de igrejas no interior do país. Durante a época colonial, nos meios rurais, os latifundiários e as suas famílias mantinham a prática religiosa confinada ao seu círculo familiar, construíam capelas nas suas propriedades ou reservavam um compartimento da casa para esse fim, separando-se deste modo do resto dos habitantes da região. Esta separação não existia em Portugal e é consequência da situação que se vivia no Brasil colonial: a civilização tinha de ser mantida afastada da barbárie e da selva. Nos centros urbanos, os colégios jesuítas eram os únicos estabelecimentos de ensino disponíveis na colônia, ao mesmo tempo que preparavam os futuros padres para a sua missão. A atividade religiosa tinha um papel fundamental na vida desta sociedade, em que as festas e os divertimentos eram raros e confinados aos centros urbanos como o Rio de Janeiro ou a Bahia, quando o governo-geral aí estava sedado. A igreja era o centro da vida social em que a religiosidade se encontrava indissociável da vida cotidiana. Na igreja, a que se ia mais de uma vez ao dia, possibilitavam-se os encontros, as trocas de novidades e os arranjos matrimoniais. As



festas do calendário litúrgico, as procissões, as cerimônias religiosas que marcavam a vida do cristão, as missas, as confissões e cânticos, bem como as práticas de caridade cristã, pautada na vida dos colonos.

Os negros que chegaram ao Brasil entre 1549 e 1888 trouxeram consigo as suas crenças animistas e com elas vieram embarcados os seus sacerdotes. Estes continuaram a oficializar os ritos de seus ancestrais, mesmo após a conversão forçada dos escravos ao Cristianismo. Nas senzalas, por debaixo dos altares cristãos, escondiam-se os instrumentos e a parafernália do Candomblé. O Candomblé é uma das religiões nascidas no Brasil de origem africana mas que é igualmente praticado no Uruguai, na Argentina e na Venezuela. A religião tem por base a adoração da Natureza, da sua alma, sendo por isso chamada de anímica. Contudo a crença de um deus criador, comum a todas as nações africanas levou à sua assimilação com o Deus dos cristãos. Esta assimilação foi aceita pela maior parte dos seguidores do candomblé que combinam elementos tradicionais africanos com aspetos da religião cristã. A perseguição da Igreja a estas práticas foi persistente, mas o Candomblé conseguiu sobreviver até aos dias de hoje integrando adeptos de todas as classes da sociedade.

#### **2.2.4 Povo Ibérico**

O povo ibérico muito contribui para a formação da sociedade brasileira no período colonial compreendido entre 1500 e 1808. Dentre essas características afirma Sergio Buarque:

“ dois tipos de ideais – o aventureiro e o trabalhador. O primeiro tem como características o imediatismo: o ponto de chegada é fundamental, seus esforços pedem recompensas imediatas, acomoda-se ao provisório e deseja descobrir em vez de consolidar. O segundo tem como valores a segurança e o esforço: aceita compensações de longo prazo, antes de ver o resultado a ser alcançado; enxerga a dificuldade a ser vencida.”

Buarque constata que a América foi colonizada pelo primeiro tipo sem dar muito espaço ao trabalhador e também que a busca por riqueza dependia de um caráter mais ousado do que de um sacrifício através do trabalho, essa característica que é chamada de personalismo português pode ajudar-nos a entender da onde derivam as dificuldades brasileiras de organização política, essencial a uma sociedade que estava

em vias de formação, se contrapondo as qualidades disciplinadoras e racionais de outros povos europeus.

Se algumas características diferenciam o povo ibérico dos demais povos europeus, alguns pontos o povo ibérico se assemelha no que tange as formas de colonização da América. Buarque propõe dois tipos de “construtores” no Brasil que foram as formas que tanto os portugueses e os espanhóis encontraram para se fixar e tomar posse das terras:

“O povo espanhol seria o ladrilhador onde ele fez das construções das cidades um empreendimento racional, visando a dominação das terras conquistadas. Já o português seria o semeador porque, preso ao litoral, norteou-se pela política da feitoria e semeou cidades irregulares, sem planejamento”

Sérgio Buarque de Holanda também defini bem o porque os portugueses se adaptaram muito mais do que outros colonizadores que vieram para o Brasil.

O insucesso da experiência holandesa no Brasil e, em verdade, mais uma justificativa para a opinião, hoje corrente entre alguns antropologistas, de que os europeus do Norte são incompatíveis com as regiões tropicais. O indivíduo isolado — observa uma autoridade no assunto — pode adaptar-se a tais regiões, mas a raça, essa decididamente não; a própria Europa do sul ela já não se adapta. Ao contrário do que sucedeu com os holandeses, o português entrou em contato íntimo e frequente com a população de cor. Mais do que nenhum outro povo da Europa, cedia com docilidade ao prestígio comunicativo dos costumes, da linguagem e das seitas dos indígenas e negros. Americanizava-se ou africanizava-se, conforme fosse preciso. Tornava-se negro, segundo expressão consagrada da costa da África.

### **2.2.5 Patriarcalismo**

No período de colonização do Brasil, o povo ibérico contribuiu para a sociedade brasileira com diversos valores e formas de pensar características de sua cultura. Um dos valores centrais para a sociedade portuguesa e espanhola seria a família, mais especificamente, a família com o modelo patriarcal e conservador. Estas concepções eram permeadas pela influência religiosa. (SZAPIRO, 1998)

Uma outra característica que o povo brasileiro herdou dos colonizadores no período do Brasil colônia foi o patriarcalismo

O termo Patriarcalismo é oriundo de Patriarcado, que, por sua vez, tem origem na palavra grega *pater*. A primeira vez que o termo foi usado com conotação de preponderância do homem na organização social foi pelos hebreus com o propósito de qualificação do líder de uma sociedade judaica. Mas o grego helenístico também já fazia menção ao termo, pois as mulheres eram concebidas como objetos de satisfação masculina e, conseqüentemente, julgadas como inferiores.

O patriarca manteve o poder, ao longo da história, sobre qualquer indivíduo na organização social de que fazia parte, poderia ser sua mulher, seus filhos, seus súditos, seus escravos ou seu povo. Cabendo-lhe o poder de decisões cruciais de forma inquestionável no seio da sociedade. Assim, na vigência do patriarcalismo, as relações humanas são estabelecidas em patamares desiguais e hierarquizados. O patriarca representa a autoridade maior determinando as condições que justificam seu *status* de superioridade e o *status* de inferioridade dos outros indivíduos.

Para Freyre, a sociedade patriarcal da época baseava-se na oposição Casa-Grande e Senzala. Derivada da política colonial portuguesa, que tinha dado a proprietários particulares o controle das terras conquistadas, os engenhos eram lugares sagrados, dos quais só se aproximava para pedir algo. O senhor tinha total autoridade sobre sua fazenda e sobre as pessoas que la viviam. A justiça não entrava em suas terras e a Igreja tinha de certa forma, se se subordinar às regras do patriarca. Nesse sistema, o escravo era a base da riqueza e do prestígio do senhor; quanto mais escravos, mais poderoso o senhor.

A nossa família se formou a partir do regime patriarcal e sob a influência da miscigenação de três culturas: indígena, europeia e africana. Sendo assim, este processo propiciou a formação de uma população diferenciada que não pode negar a existência de traços culturais diversos. Estas e outras questões encontram-se recalcadas na cultura e nas pessoas que aqui vivem, sendo transmitidas entre as gerações através da educação e da forma como somos criados. (FREYRE 1951,1973)

Seja como for, a família foi a base da estruturação da sociedade colonial e sua presença e interferência na colonização se sobrepôs ao Estado:

“A família e não o indivíduo ou o Estado, teria sido o verdadeiro fator colonizador do Brasil, exercendo a justiça, controlando a política, produzindo riquezas, ampliando territórios e imprimindo o ritmo da vida religiosa através dos capelães dos engenhos. Podia se sobrepor até mesmo ao rei de Portugal, que reinava sem governar no trópico. Nas casas-grandes, os filhos, a mulher,

os agregados e os escravos estariam inteiramente subordinados ao patriarca onipotente. A família patriarcal era constituída a partir de casamentos legítimos, mas o domínio patriarcal se ampliaria através da mestiçagem e de filhos ilegítimos, resultado do poder sexual do senhor sobre suas escravas e mancebas.” (FARIA,2001).

Durante o período colonial não somente existiu a família colonial tradicional formada por descendentes de portugueses e da burguesia que se instalou no Brasil, mas também existiram as famílias do escravos que foram trazidos e que apresentam algumas características diferentes das outras famílias.

“No período colonial no Brasil e também no período monárquico, o número de escravos homens sempre foi proporcionalmente muito maior do que mulheres escravizadas. Mas o fato de não haver mulheres para todos os homens, não significou que havia promiscuidade entre os cativos e nem que os laços afetivos fossem efêmeros. Ao contrário do que se supunha, os escravos no Brasil colonial, apesar da opressão do cativo, constituíam famílias estáveis, havendo até aqueles que se casavam na igreja. Os estudos têm demonstrado, também, que famílias de escravos podiam ter acesso à terra para o cultivo de roças e uma casa diferenciada das senzalas coletivas. A interferência do senhor sobre a constituição de famílias entre seus escravos não era expressiva e praticamente se limitava a impedir matrimônios entre escravos de donos diferentes. A escolha do cônjuge e dos padrinhos de crianças era prerrogativa dos escravos e não dos senhores. Nem mesmo a suposta atuação paternalista dos senhores sobre seus escravos no Brasil colonial, através do apadrinhamento foi comprovada pelos estudos mais recentes. Constata-se que, em todo período de escravidão no Brasil, praticamente nenhum escravo foi batizado pelo seu senhor.” (PRIORE, Mary del. A família no Brasil colonial. São Paulo: Moderna, 2000)

Diversos escritos convergem ao fato de que eles relacionam-se aos efeitos da herança patrimonial-patriarcal sobre o Brasil contemporâneo a razão das distorções de nossa sociabilidade moderna. Freyre (1990, 1996, 2000) e Holanda (1994) claramente convergem em direção à ideia de que certos códigos de sociabilidade típicos das famílias patriarcal e do *pater familias* teriam permanecido ativos na dinâmica social do Brasil contemporâneo para além do período colonial. Para Freyre, a extensão e a profundidade da disseminação do tipo patriarcal de sociabilidade seriam uma consequência, em última instância, do fato de que o latifúndio patriarcal, baseado no trabalho escravo e orientado à exploração e à exportação de matérias primas, veio a se tornar algo mais que uma

simples unidade econômica: consolidou-se por muito tempo como *locus* político-administrativo, militar e jurídico, além do centro organizador da vida sexual, cultural e até mesmo religiosa. Naquelas circunstâncias diferenciação social e impessoalidade teriam encontrado tremenda dificuldade para florescer.

Sérgio B. De Holanda, por sua vez, atribui à nossa herança lusitana, marcada por “aversão congênita a qualquer ordenação impessoal da existência” (1994, p.75), a importância remanescente do patriarcalismo no tecido social do Brasil contemporâneo. O perfil da empresa colonizadora de portugueses, ancorada na ética da aventura em detrimento da ética do trabalho, revelaria a incompatibilidade de nosso passado ibérico com a racionalização característica de “terras protestantes”. Com isso, estabilidade e segurança – atributos de uma ordem racionalizada – teriam sido postos em segundo plano em favor do desejo pela recompensa imediata. Naquele contexto, ao se estabelecer como autoridade máxima e inquestionável da ordem social, *pater familias* e família patriarcal teriam se tornado os disseminadores hegemônicos dos principais códigos e princípios de sociabilidade, emanando para a totalidade do corpo social ideias de poder e respeitabilidade, obediência e de coesão social, moldando, assim, instituições as mais variadas. Tal condição explicaria, ainda, a proeminência do privado sobre o público e, conseqüentemente, a invasão do Estado por códigos sociais característicos do ambiente familiar. A também algumas outras definições sobre família, como afirma também Sérgio Buarque de Holanda:

Nos domínios rurais e o tipo de família organizada segundo as normas clássicas do velho direito romano-canônico, mantidas na península Ibérica através de inúmeras gerações, que prevalece como base e centro de toda a organização. Os escravos das plantações e das casas, e não somente escravos, como os agregados, dilatam o círculo familiar e, com ele, a autoridade imensa do pater-famílias.

## **2.2.6 Economia**

A economia do período colonial no Brasil se baseou em três vertentes são elas: O Pau Brasil, O Ciclo da Cana de Açúcar, e o Ouro.

### **2.2.6.1 Pau Brasil**

O primeiro produto que foi comercializado foi o Pau Brasil, ou *Caesalpinia echinata*, como é conhecido cientificamente, uma árvore que recebeu esse nome por

causa do Brasil, detinha de propriedades como a de tingimento de tecidos, que vêm da sua coloração avermelhada e pelo fato de ser muito resistente era muito boa na construção de moveis ou até mesmo instrumentos musicais, essa flexibilidade fez com a madeira fosse muito comercializada no mercado europeu e que conseqüentemente ganhou muito destaque e despertou o interesse em grandes navegadores da época que também fizeram incursões no Brasil, favorecendo assim a exploração de outras terras por outros colonizadores europeus, que se instalaram aqui e também trouxeram consigo as características de seus povos e que foram transmitidas para o povo nativo do Brasil e até mesmo os escravos que fugiam e procuravam formar novas sociedades. A exploração da árvore tinha uma grande infraestrutura na colônia, a derrubada era feita pelos índios e escravos que a partir daí separavam aquelas que aparentavam estar mais fortes e tinha troncos maiores daquelas que serviriam para ser objetos menores de madeira.

#### **2.2.6.2 Cana de Açúcar**

O ciclo da cana de açúcar representou um grande momento na economia do Brasil colônia, visto que o Pau Brasil apresentou uma decadência. A cana começou a ser produzida em meados do séc XVI e XVIII, com isso alavancou o povoamento do litoral norte do país. O seu cultivo foi favorecido pelo solo, “massapê” que propiciou o um melhor plantio e que se desenvolvesse em larga escala e também pelo clima do Brasil.

Massapé é um tipo de solo de cor bem escura, quase preta, encontrado na região litorânea do nordeste brasileiro. é um solo muito fértil e, portanto, excelente para a prática da agricultura. tem em sua composição uma elevada presença de argila. Ele se forma através da decomposição do granito, em regiões tropicais que possuem estações seca e úmida bem definidas.(Gusmão Filho, 2005)

Durante o ciclo da cana pode-se dizer que o centro político e econômico da colônia estava na região nordeste, em função de ser ali o maior centro de produção do açúcar. Dentro do modelo do pacto colonial, a colônia se especializava nessa época na produção do açúcar, desenvolvendo sua economia sobre a o sistema da monocultura, baseada no trabalho escravo. A matriz social era então dividida basicamente entre escravos e não escravos: Senhores de engenho, fazendeiros, e em menor grau

trabalhadores livres. O trabalho livre foi aplicado onde não poderia ser usado o trabalho escravo; ou por não ser rentável ou por ser arriscado. O trabalho de abrir novas terras, preparar solo, atividades onde o risco de fuga de escravos era grande e também nos engenhos, como capatazes, soldados, na atividade de preparação do solo para a cultura da cana. Fora dos engenhos, se acumulavam nas zonas portuárias, compondo uma classe de vadios ou desclassificados que formavam a oferta necessária para trabalhos livres de caráter sazonal e rotativo nos centros urbanos. Nas palavras de Mello e Souza,

“Essa população livre teve, entretanto, um papel extremamente peculiar no nosso contexto colonial. Inicialmente, conforme viu com propriedade Caio Prado Jr., a sociedade foi definida basicamente pelos seus extremos: os senhores e os escravos, que os portugueses conheciam e exploravam desde o século XV; as funções sociais eram, então, bem definidas. No decorrer do processo de colonização, os extremos da escala social continuaram a ser claramente configurados, mas a estrutura da sociedade foi se tornando mais complexa devido ao aumento da “camada intermediária”, cuja indefinição inicial foi, aos poucos, assumindo o caráter de desclassificação.”

Um outro fato importante era fato de que o açúcar que era produzido tinha grande valor comercial na Europa, onde somente as classes mais privilegiadas tinham poder aquisitivo suficiente para adquirir o açúcar, então o produto proporcionou grande margem de lucros em sua exportação para o mercado externo. A cana começou a ser cultivada em 1533 trazida de Portugal onde era cultivada por Martim Afonso de Souza, onde se instalou na cidade de São Vicente (atual litoral de São Paulo). Por ter sido cultivada mais próxima ao litoral a cana ofereceu uma capacidade de rápida logística no que diz respeito ao seu plantio, cultivo, extração, produção e exportação. No início os portugueses tentaram utilizar a mão de obra indígena, nativa, porém por vários motivos esse tipo de exploração não se concretizou sendo assim utilizada a mão de obra escrava vinda da África. Um engenho era dividido da seguinte maneira a Casa Grande, que era a casa do senhor do engenho e a Senzala, que era o lar dos escravos. Existiam também algumas outras dependências como capela, muito usada para a os ofícios religiosos e a moenda local onde era produzido o açúcar e demais produtos derivados da cana de açúcar.

O século XVII constitui a etapa de maiores dificuldades na vida política da colônia. Depois dos grandes rendimentos do auge do ciclo açucareiro, Portugal começa a experimentar o declínio do fluxo de renda da colônia para a metrópole. Justamente em um período onde Portugal mantém elevados gastos militares para defesa das zonas de produção açucareira, desde fins do século XVI. A política de defesa militar com o objetivo de garantir o monopólio do açúcar era muito onerosa em áreas onde não havia bases permanentes em terra. Desta forma, Portugal foi ocupando a zona costeira que se estende até a foz do Amazonas, combatendo e expulsando ingleses, franceses e holandeses.

A Holanda após observar a alta lucratividade de Portugal com o comércio do açúcar na Europa se interessa e decidiu realizar expedições em direção ao Brasil para iniciar o trabalho de produção de açúcar por meio da cana. Chega ao Brasil liderados por Maurício de Nassau e ocupam a região de Pernambuco e ficam por um determinado tempo até serem expulsos por tropas portuguesas e por indígenas, com isso os holandeses partem para as Antilhas e lá iniciam novamente a produção de açúcar que seria comercializado na Europa, só que dessa vez eles conseguem tornar a produção mais barata e também detinham a exportação do açúcar, conseqüentemente o valor de mercado do açúcar foi reduzido e entrou em concorrência com o produzido no Brasil por Portugal, essa redução do valor faz com que o açúcar do Brasil perdesse espaço para o dos holandeses instalando assim uma crise na produção que culminaria no encerramento do cultivo da cana de açúcar no Brasil.

Além dos gastos elevados, a ocupação holandesa no século XVII bloqueou a transferência de renda, se não toda, ao menos grande parte dela, para Portugal, o que de um lado garantiu maior desenvolvimento urbano na colônia e de outro lado um colapso financeiro na metrópole. Sem considerar as dificuldades políticas e administrativas que se instalaram nesse período entre colônia e metrópole.

Outro fator impactante na economia colonial foi o aumento do preço do negro escravo. Tomada pelos ideais capitalistas de formação de mercados, a Inglaterra combatia o comércio de escravos, atacando todo e qualquer navio negreiro encontrado. Nas fazendas de açúcar, o crescimento vegetativo da mão de obra era muito pequeno, o que fazia com que essa economia fosse muito dependente de importação constante de mão de obra escrava.



Todos esses fatores somados, acrescentando-se o fato de que tem início a concorrência do açúcar produzido nas Antilhas, fez com que a economia açucareira entrasse em decadência e a única esperança para a sustentação da relação colônia-metrópole era a descoberta de metais preciosos.

### 2.2.6.3 Ciclo do Ouro

Com a crise que se instaurou no Brasil por causa do açúcar dos holandeses por ser mais barato e de uma melhor qualidade, Portugal sentiu-se na necessidade de buscar um outro tipo de mercado que gerasse renda, então eclodiram buscas por metais preciosos. O ouro foi o metal precioso que surgiu durante o período colonial que substituiu o açúcar como principal produto a ser exportado pela colônia de Portugal. A descoberta de ouro no Brasil atraiu milhares de pessoas que foram em busca de extrair o ouro para comercializar, só que o método de extração custava caro então os únicos que conseguiram entrar de fato nesse mercado foram os grandes latifundiários do país, porque tinham dinheiro para investir em mão de obra, equipamento e terras. Como a colônia passou a receber inúmeras pessoas foram sendo criadas vilas em torno de locais onde o ouro era mais encontrado, assim surgiram as atuais cidades de Ouro Preto e Mariana. A corte portuguesa sentiu a necessidade de transferência da capital de Salvador para o Rio de Janeiro para que a capital ficasse mais próxima do novo polo de desenvolvimento econômico. Com esse grande vulto de dinheiro e mercadoria circulando na região, a Coroa portuguesa resolveu adotar alguns meios de se aproveitar dessa extração indiretamente, com isso ela criou dois principais impostos que foram o quinto e a derrama.

Segundo Karine Ferreira Brito:

“Quinto era um imposto cobrado pelo governo durante o Brasil Colônia. Recebeu esse nome porque correspondia a 20% (um quinto) do metal extraído que era registrado pelas casas de fundição. Era um tributo altíssimo e os brasileiros o odiavam tanto que acabaram o apelidando de “*O Quinto dos Infernos*”. É importante ressaltar que, na segunda metade do século XVII, a extração de ouro e pedras preciosas entrou em declínio e muitos colonos não tinham a quantia certa para pagar e ficavam devendo à Coroa. Assim, em determinado momento, foi estabelecido outro imposto que passava a cobrar todo o quinto atrasado de uma só vez.”

No século XVIII, devido à exploração desmedida, essa economia entrou em decadência e os proprietários não tinham mais como pagar o quinto e outros tributos, acumulando dívida com o governo. Logo, foi criada a derrama como forma de cobrança dos impostos atrasados. A Coroa confiscava os bens dos devedores, como móveis, joias e propriedades. Portanto, se percebe que a derrama era abusiva. Por conta disso, ocorreram muitas revoltas contra Portugal e seu domínio.

### **2.2.7 O Índio**

De modo geral, as sociedades indígenas são sociedades sem propriedade privada, de habitação coletiva, igualitárias, descentralizadas politicamente e com status social distinto segundo a divisão do trabalho. Normalmente, os homens se encarregam da construção da aldeia, da guerra, caça e pesca, da liderança tribal e dos rituais xamânicos, enquanto as mulheres lidam do plantio e da colheita, preparam os alimentos e produzem tecidos, adornos e utensílios. A educação das crianças é geralmente, compartilhada por todos, contudo, nos anos iniciais, é a mulher quem cuida dos filhos. As culturas indígenas são, via de regra, baseada na oralidade; contudo, mesmo na ausência da escrita, uma diversidade de sinais e de outras formas gráficas cumprem o papel comunicativo. As tribos costumam manter entre si laços de parentesco e reciprocidade, em famílias monogâmicas ou poligâmicas. Apesar disso, a liderança não possui caráter hereditário, pois é meritória na maioria das vezes.

Segundo Veiga (2007, p. 50) logo no início quando os Portugueses chegaram existia:

Um número significativo de etnias indígenas portadoras de múltiplos costumes – o que inclui modos diferenciados de conceber a educação e a formação das novas gerações nas respectivas tradições, linguagem e ritual. Estima-se que, no início da colonização, havia cerca de 1.175 diferentes línguas indígenas, permanecendo apenas 15% delas na passagem do século XVIII para o XIX. No conjunto das línguas faladas à época da chegada dos portugueses destacavam-se o tupi (em quase todo o litoral e na região meridional do Brasil) e o guarani (no sul, litoral e interior).

No início da colonização, a mão de obra indígena era utilizada na extração do pau-brasil. Era recompensada pelo escambo de alguns objetos, tais como facões e espelhos ou até aguardente em troca do trabalho no corte e transporte de pau-brasil. A

primeira “relação de trabalho” entre portugueses e índios brasileiros foi o escambo. Posteriormente, os índios passaram a ser capturados e empregados em pequenas lavouras ou na coleta de “drogas do sertão”. Como os escravos africanos eram caros demais para aqueles que possuíam terra e a demanda por mão de obra somente crescia, a escravidão indígena tornou-se uma alternativa. Os senhores de engenho passaram a recorrer à escravização de índios por meio de expedições conhecidas como “bandeiras de apresamento”. Entretanto, impedimentos legais foram surgindo a partir do século XVI. Conforme a lei, o índio somente poderia ser escravizado em situações de “Guerra Justa”, ou seja, quando eram hostis aos colonizadores.

A sociedade indígena era bastante organizada e as atividades eram distribuídas entre todos: os índios praticavam a caça, a pesca e a segurança, já as índias cuidavam da aldeia, das crianças e da alimentação. Os tupinambás distribuíam as atividades da seguinte forma: os rapazes participavam “ativamente nas expedições guerreiras, na caça, na pesca, na fabricação de flechas e prestando serviços nas reuniões dos velhos; as moças, auxiliando as famílias nas atividades femininas e assimilando, de forma prática, as vivências e os papéis femininos” (SAVIANI, 2008, p.37).

O índio teve um grande papel na sociedade da época que era a de se relacionar com os portugueses que aqui desembarcaram aqui. Esse se relacionamento e posteriormente a reprodução entre os portugueses e as índias foi que surgiu o mulato, que teve um grande papel durante a chama “reeuropeização”. Onde a introdução da máquina afetou a relação base da sociedade patriarcal - escravo e senhor. Ela diminuiu tanto a autoridade do senhor quanto o papel produtivo do escravo. Ao mesmo tempo, valorizou o intermediário dessa relação, que era o mulato. A categoria mulato é uma construção social que surge nesse contexto de mudança, e a ela é destinada a possibilidade de ascensão social de modo individual.

Enquanto antigas oposições senhor e escravo perdem valor, o mulato, com habilidades e disposição de aprender novos ofícios mecânicos, quase sempre com mestres artesões europeus, vai se tornando um elemento tipicamente burguês. Assim é o conhecimento e a perícia técnica que passam a ser os elementos fundamentais na definição da hierarquia social.

Porem havia um problema de certa maneira explicito quando se falava de relacionamento entre os portugueses e as índias. O que é intocável neste mundo é a escravidão, cujo laço não deve desmanchar-se nem ao nível das relações mais intimas que presidem o encontro entre o homem e a mulher na entrega amorosa. Mantendo a esposa na condição de escrava, o marido faz dele apenas a doméstica para cuidar da casa, para cozinhar, lavar-lhe a roupa e satisfazê-lo sexualmente.

O receio que tinham os senhores de que casando-se com suas escravas estas ficassem automaticamente livres, provinha de uma intuição certa de que verdadeiras relações de esposo para esposa não podiam conviver com a assimetria, a despersonalização e a subordinação implicadas na escravidão.

### 3 CONCLUSÃO

A pesquisa teve como objetivos apresentar as características que foram trazidas pelos os colonizadores que vieram explorar o desconhecido território que futuramente se tornaria o Brasil de hoje, como também os aspectos mais relevantes do Povo Ibérico que serviram de base para formação da sociedade brasileira que são mantidos até os dias atuais.

Os fatores abordados durante esse trabalho está amplamente divulgado em diversos artigos, trabalhos científicos e livros de importantes historiados e sociólogos de nossa sociedade. Isso ajuda na formação do conhecimento sobre a sociedade que de certa maneira antecedeu a nossa, como ela foi formada, como se desenvolveu.

Dentro dos aspectos abordados podemos citar a burocracia personista trazida pelos portugueses para administrar seus engenhos e a sociedade de uma maneira geral, que seria forma de administrar uma sociedade com os interesses particulares se sobrepondo em função dos interesses públicos. Já no nosso Exército pode se afirmar que existiu uma burocracia racionalista, onde a ocupação de postos atende aos princípios da meritocracia. A sociedade hierarquizada da época colonial também foi um dos aspectos que se mantiveram ao longo do tempo que foi empregado pelas Forças Armadas, mas não só por elas mas a sociedade de uma maneira geral se regulamentou por meio de cargos onde as pessoas que exercessem um cargo mais importante, com grandes responsabilidades seriam o topo da pirâmide e que poucas pessoas ocupariam e a base seria onde a grande massa estaria incluída na base, ora por falta de capacidade para desenvolver habilidades suficientes para exerce cargos do topo da pirâmide ou por esta definido o seu lugar na sociedade.

A língua portuguesa que também teve uma grande importância para facilitar a comunicação entre os nativos e os colonizadores, além do fato de ser uma língua que facilitou a aprendizagem por se assemelhar as línguas faladas no território.

Dessa forma podemos concluir que muitas características foram trazidas para o Brasil, onde diversas delas permaneceram em nossa sociedade e também contribuíram muito para o desenvolvimento da mesma. Elas explicam a forma com que a sociedade contemporânea gerencia determinados assuntos e como se relaciona também. Contudo é

fato afirmarmos que o povo ibérico foi o que mais contribuiu para a formação da sociedade brasileira, pelo fato de suas características serem bem semelhantes as da população indígena aqui encontrada e também pelo fato que ,de certa maneira, sua sociedade predominou durante o período colonial.

A pesquisa ela não se encontra esgotada porque também não foram abordados todos os fatores que influenciaram a formação de nossa sociedade, porém já serve como base para ampla divulgação para melhor compreendermos a nossa sociedade a partir do fatos ocorridos no passado.

## REFERÊNCIAS

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2007, pg. 49 a 78.

SAVIANI, Dermeval. **História das Idéias Pedagógica no Brasil**. 2 ed. Campinas: autores associados, 2008, pg. 32 a 47.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 48 ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora LTDA, pg. 53 a 120.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, pg 34 a 179.

PINTO, T. S. Brasil Colônia. **Mundo da Educação**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: < <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/brasil-colonia.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SOUSA, R. G. Brasil Colônia. **Mundo da Educação**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: < <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/colonizacao-brasil.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SOUSA, R. G. Brasil Colônia. **Mundo da Educação**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: < <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/economia-acucareira.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

FARIA, Sheila de Castro. **Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 216 a 218.

CARDOSO, Ciro & VAINFAS, Ronaldo. **História da família e demografia histórica**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 241 a 258.

JUNIOR, Antonio Gasparetto. Patriarcalismo. **Info Escola**. Disponível em:< <https://www.infoescola.com/sociedade/patriarcalismo/>> Acesso em: 4 maio 2018.

SOUSA, R. G. Práticas Religiosas no Brasil Colonial. Infopédia. Disponível em:<[https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$praticas-religiosas-no-brasil-colonial](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$praticas-religiosas-no-brasil-colonial)> Acesso em 10 abr 2018.